

# BR Partners compra o banco Porto Seguro

Com a aquisição, empresa pretende começar a operar como banco de investimentos

Altamiro Silva Júnior

A BR Partners, empresa focada em assessoria financeira, fundos de private equity e produtos estruturados, fechou ontem a compra do Banco Porto Seguro. A aquisição, cujo valor não foi revelado, faz parte da estratégia da BR de se transformar em banco de investimento, com foco em fusões e aquisições e aberturas de capital (IPO, na sigla em inglês), disse à 'Agência Estado' o sócio fundador da BR, Ricardo Lacerda.

O banco Porto Seguro será capitalizado em R\$ 120 milhões, com recursos próprios da BR. "O Brasil é hoje um dos três mercados de maior interesse para investidores no mundo e deverá continuar nessa posição pela próxima década", disse Lacerda, justificando o interesse em abrir um banco de investimento.

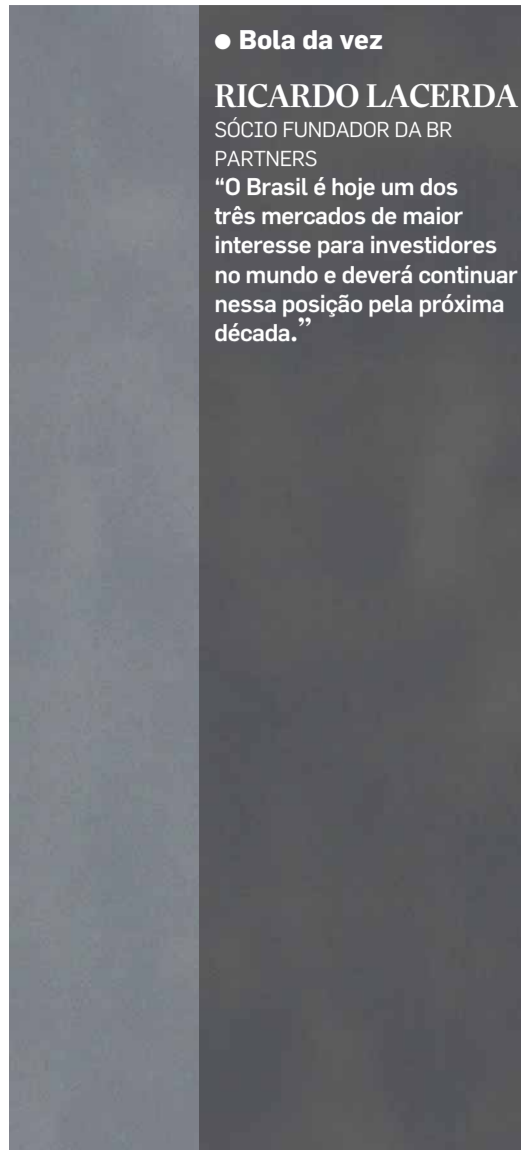
A aquisição da instituição foi

antecipada neste fim de semana pela jornalista Sonia Racy, em sua coluna.

O Banco Porto Seguro não era operacional, mas tinha as licenças e autorizações regulatórias do Banco Central para operar no mercado de varejo. Andrea Piniheiro, sócia da gestora, conta que a BR Partners vai pedir ao Banco Central a troca dessa autorização para a de banco de investimento, pois não há interesse da BR em trabalhar com o segmento de crédito.

O nome da nova instituição será BR Partners Banco de Investimento. "É uma oportunidade interessante começar uma instituição financeira do zero neste momento, com independência e sem a carga de problemas que as grandes instituições herdaram da recente crise financeira", disse Lacerda.

A BR Partners também está pedindo autorização ao BC para



● Bola da vez

**RICARDO LACERDA**

SÓCIO FUNDADOR DA BR PARTNERS

"O Brasil é hoje um dos três mercados de maior interesse para investidores no mundo e deverá continuar nessa posição pela próxima década."

Plano. Novo banco de investimentos terá foco em fusões e aquisições e aberturas de capital, segundo Ricardo Lacerda

abrir uma corretora e operar no mercado de ações e derivativos.

O contrato de compra e venda do Porto Seguro foi assinado ontem, mas a aquisição ainda precisa de autorização do BC.

O banco fazia originalmente parte do Grupo Porto Seguro e foi criado pela família Garfinkel, hoje controladora da seguradora, segundo informações de La-

cerda.

Na década de 80 houve uma cisão e a família Garfinkel ficou com a seguradora enquanto a família Bueno ficou com o banco. O vendedor foi o executivo José Roberto Bueno.

**Expansão.** A BR Partners foi criada há dois anos pelo executivo Ricardo Lacerda, que estava

comandando na época o banco de investimento do Citibank na América Latina.

Lacerda também havia passado pelo Goldman Sachs, onde ocupou o cargo de presidente no Brasil e de vice presidente do banco de investimento em Nova York.

Atualmente, a empresa tem um capital de R\$ 250 milhões e

65 funcionários. Com a obtenção da licença de banco de investimento, a intenção é contratar mais gente no mercado e chegar a 100 pessoas no ano que vem.

Além de Lacerda, outros sócios se juntaram a BR, incluindo Andrea, que estava na diretoria do Bradesco. Ela antes ocupava a vice-presidência do BMC, comprado pelo Bradesco em 2007.

## Direct Edge vem ao Brasil para concorrer com Bovespa

Empresa americana pretende iniciar operação brasileira no Rio de Janeiro, no último trimestre do ano que vem

Fernando Scheller

A americana Direct Edge anunciou ontem a intenção de abrir uma bolsa no Rio de Janeiro para concorrer com a BM&FBovespa, que atualmente tem o monopólio do mercado de ações brasileiro. Segundo a empresa, que afirma concentrar 10% do movimento do mercado de capitais americano, o objetivo é que o projeto entre em operação em aproximadamente um ano. Esse período será utilizado para cumprir as obrigações regulatórias necessárias para a abertura do negócio.

A Direct Edge informa que fará no Brasil sua primeira experiência fora dos Estados Unidos, de acordo com o presidente da companhia, William O'Brien. Para competir no País, a empresa aposta em serviços que facilitem a vida das corretoras de valores e dos clientes. "O diferencial do serviço reside na qualidade e na rapidez com que seremos capazes de gerenciar os pedidos de nossos clientes, a um preço competitivo", diz o executivo.

PARA LEMBRAR

### Bats também quer vir ao País

A Direct Edge é a segunda operadora americana a anunciar a intenção de operar no Brasil. Em fevereiro deste ano, a Bats Global também revelou a intenção de abrir uma operação nacional, baseada em São Paulo, também a partir do ano que vem. Desde então, porém, a Bats Global se mantém calada sobre o projeto. Procurada ontem pelo Estado, a empresa afirmou que não tinha "nada a declarar" no momento, mas que se pronunciaria em "um futuro não distante".

O'Brien afirma que, nos Estados Unidos, a Direct Edge movimentou entre US\$ 10 bilhões e US\$ 20 bilhões ao dia em pedidos de compra e venda de ações. "É um volume bem superior ao que o mercado brasileiro hoje movimentava como um todo", explica. Ontem, o volume negociado na BM&F Bovespa ficou em R\$ 11,5 bilhões, ou o equivalente a US\$ 6,4 bilhões, considerada a



Competição. Legislação que abriu o mercado para novos entrantes existe desde 2007

cotação do dólar a R\$ 1,80.

A Direct Edge escolheu o Rio de Janeiro como sede de sua operação tanto pelo ressurgimento da cidade no cenário econômico brasileiro quanto pelo interesse do governo do Estado em incentivar a atividade. O mercado de capitais deixou de existir na capital fluminense há 11 anos, quando a parcela de negócios que ainda restava na antiga Bolsa de Va-

lores do Rio foi transferida para a Bovespa.

**Regulação.** Colocar a operação de uma nova bolsa em pé não é, porém, tarefa fácil. A Direct Edge terá de passar pelo crivo duplo do Banco Central (BC) e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) antes de poder iniciar a operação brasileira. Segundo O'Brien, a Direct Edge ainda

não ingressou com um pedido de registro de operadora de ações no CVM. O executivo afirma, no entanto, que a empresa e o órgão regulador já vêm "dialogando há algum tempo" sobre o tema. Por conta dos trâmites burocráticos, a empresa só pretende iniciar as atividades no Brasil no último trimestre de 2012.

Para ajudar na adaptação de suas intenções à complexa estru-

tura regulatória brasileira, a Direct Edge contratou os escritórios de advocacia Demarest & Almeida e Mattos Filho. Além disso, a companhia – que tem entre seus sócios o Goldman Sachs e o JP Morgan – afirma que busca parceiros brasileiros para facilitar sua operação. A empresa também procura atualmente um CEO para a Direct Edge Brasil, que deverá funcionar como uma entidade independente da matriz americana.

Para operar no Brasil, a empresa também terá de criar uma estrutura de liquidação e custódia, nos moldes da CBLIC, que pertence à BM&FBovespa. A companhia diz que "está ciente" dessa obrigação e estuda diferentes possibilidades para cumpri-la. Segundo Otávio Yazbek, diretor da CVM, a criação da estrutura de liquidação e custódia é tão complicada quanto o da abertura da bolsa em si. "Nós ainda não conhecemos a proposta da Direct Edge, mas a legislação permite que a entidade seja própria ou operada por terceiros, desde que cumpra os requisitos da legislação brasileira."

Em relação à chegada da concorrência, a BM&FBovespa afirmou que a legislação abriu o mercado a novos entrantes em 2007. A própria fusão da instituição – que uniu a negociação de ações e de mercadorias, com a criação da BM&FBovespa, em 2008 – foi uma forma de preparação para a nova realidade do mercado.

Aviação

## GOVERNO ARGENTINO AVALIA SUSPENDER VOOS

Perdas da Aerolíneas Argentinas chegam a US\$ 624 milhões até setembro

Ariel Palacios  
CORRESPONDENTE  
BUENOS AIRES

O governo argentino anunciou ontem que pode suspender todas as rotas aéreas internacionais da Aerolíneas Argentinas que sejam deficitárias. O anúncio foi feito pelo ministro de Planejamento Federal e Obras Públicas, Julio De Vido, que explicou que na mira do governo

estão a maior parte das rotas para os países da Oceania (muito usadas pelos turistas brasileiros rumo à Austrália e Nova Zelândia), Estados Unidos e Europa. Estes voos, segundo ele, representam 40% do déficit da empresa. As rotas para o Brasil não devem ser afetadas.

O déficit da Aerolíneas foi o centro de grande polêmica desde sua reestatização, em 2009. A empresa, segundo os líderes da oposição, tornou-se um "poço sem fundo" que absorve subsí-

dios e não gera lucros. No total, a Aerolíneas deve receber US\$ 4 bilhões em ajuda financeira do governo desde 2009 até o final de 2011.

A Associação de Pilotos de Linhas Aéreas (Apla) divulgou um relatório no qual sustenta que nos primeiros nove meses deste ano a Aerolíneas Argentinas e sua subsidiária Austral tiveram prejuízos de US\$ 624 milhões.

De Vido disse que a presidente Cristina Kirchner deu ordens para "começar uma segunda etapa



Cortes. Voos da Aerolíneas para o Brasil devem ser poupados

na empresa aérea". O ministro afirmou que o plano prevê um aumento na frequência e no número de destinos nacionais. Para isso, o governo pode até mesmo subsidiar os voos domésti-

cos "o quanto for necessário".

**Crise sindical.** Desde sua reestatização, a Aerolíneas está no meio de uma crise entre seus sindicatos, a diretoria da empresa e

o governo Kirchner. Na semana passada, uma greve de um dos cinco sindicatos que representam os trabalhadores da Aerolíneas provocou a suspensão de dezenas de voos internacionais da empresa.

O governo fala em revisar o questão trabalhista da empresa, enxugar a equipe e acabar com alguns benefícios. Um levantamento do jornal Perfil indicou que a Aerolíneas possui 1.100 pilotos que operam 34 aviões, uma média de 32 pilotos por aparelho. Cada um deles recebe entre US\$ 10 mil e US\$ 15 mil por mês.

"Não será uma questão de reduzir direitos ou conquistas trabalhistas, mas sim de acabar com atitudes que parecem ser pequenas frescuras", disse De Vido, famoso por não ter papas na língua.